

Os Centros de Capacitação e Produção em Economia Solidária pensados a partir da Educação Popular

Tiago de Mello Cargnin¹

Joel Dumke²

Tainá Michele Becker³

Resumo: Com a finalidade de discutir a formação de sujeitos em espaços sociais e culturais, busca-se, neste artigo, apresentar a contribuição do Tecnosocial/Unilasalle enquanto lugar de capacitação e formação na economia solidária. O estudo apresenta um paradoxo: os sólidos dão vez às relações líquidas e às representações sociais enquanto espaço de formação instantânea e superficial. Pretende-se, com o texto, salientar a importância da construção de laços sólidos e redes estáveis para os processos de formação humana enquanto projetos de vida no campo da economia solidária, trabalhando a ideia de desenvolvimento e potencialização de espaços solidários de geração de trabalho e renda para Canoas e Região.

Palavras-chave: Economia Solidária; Educação Popular; Centros de Capacitação em Economia Solidária.

Resumen: Con el fin de discutir la formación de sujetos de derechos sociales y culturales, este artículo, busca presentar el aporte de Tecnosocial / Unilasalle como un lugar de formación y educación en economía solidaria. El estudio presenta una paradoja: los sólidos dar tiempo a la red y las relaciones de las representaciones sociales como un espacio de formación instantánea y superficial. Su objetivo es el texto para enfatizar la importancia de construir relaciones sólidas y redes estables para los procesos de la vida humana, mientras que los proyectos en el ámbito de la economía social, la idea de trabajar en el desarrollo y la mejora de los espacios de solidaridad para la generación de empleos e ingresos para Canoas y la Región.

Palabras clave: Economía Solidaria, Educación Popular, Centros de Capacitación en Economía Solidaria.

¹ Mestre em Teologia pelo Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, professor no Centro Universitário La Salle, em Canoas/RS, e coordenador do Projeto Economia Solidária como Estratégia de Desenvolvimento de Canoas e Região.

² Mestrando em Educação do Centro Universitário La Salle. Analista de projetos do Tecnosocial.

³ Acadêmica de Pedagogia do Centro Universitário La Salle.

Introdução

Com um olhar voltado à formação de sujeitos construídos e reconstruídos em espaços sociais e culturais, busca-se, neste estudo, discutir a contribuição do Tecnosocial/Unilasalle, através do Projeto Economia Solidária como Estratégia de Desenvolvimento de Canoas e Região, enquanto espaço de capacitação e formação na área da economia solidária. Ver-se-á que, neste artigo, a palavra “solidariedade” é compreendida como dimensão, que prioriza as relações humanas enquanto processo de formação inacabada e que parte da premissa de uma relação de reciprocidade ou, como diria Paulo Freire, na qual “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1981, p. 79).

Partimos da premissa de que os processos educativos se dão nas relações entre indivíduos e destes com o mundo. O paradigma dialético da economia solidária articula o individual e o coletivo de forma a manter as especificidades de cada um dos sujeitos em relação. É um processo de formação dos indivíduos em torno de demandas epistemológicas, que a contemporaneidade nos apresenta, principalmente no que tange à discussão que estabeleceremos entre o que Bauman denomina “modernidade líquida” e os “sólidos”, que fazem parte do conceitual e da prática em economia solidária.

Na primeira parte, discutimos tais demandas a partir dos referenciais de Bauman, Boaventura Santos, José de Souza Martins, entre outros, a fim de estabelecer as bases de análise do contexto no qual as atividades dos Centros de Capacitação em Economia Solidária (CCPES) se inserem. Na segunda parte, delimitamos o *ethos* de ação dos CCPES e as relações que as atividades de formação nesses espaços terão com as demandas contextuais. Finalizamos estabelecendo os limites e as possibilidades que essa iniciativa traz consigo para o contexto da economia solidária e da educação popular nas práticas educativas do Tecnosocial/Unilasalle.

Conflitos, proximidades e limites

Boaventura de Sousa Santos, na obra intitulada “Produzir para viver: os caminhos da produção capitalista”, escreve que nosso tempo é um tempo paradoxal. Se por um lado existem grandes avanços na genética, na medicina, na eletrônica e/ou na biotecnologia, por outro lado, é um tempo de inquietantes regressões. Se em uma das dimensões a modernidade aparece como promessa de liberdade, de igualdade, de solidariedade e de paz, por outro, é cada vez mais evidente que essas promessas nunca estiveram tão distantes como agora estão (SANTOS, 2005, p. 13-14). Se por um lado temos, ainda que hipoteticamente, inúmeras promessas, por outro, debatemo-nos com um sem-número de fatos, que nos diz exatamente o contrário do que essas promessas.

Faz eco à ideia de Santos (2005) a obra de Bauman intitulada “Vida líquida” (2007). Nesse livro, Bauman retrata as promessas de “uma sociedade em que

as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir” (BAUMAN, 2007, p. 7). Bauman fala que a vida líquida é um processo vivido na incerteza e que as ações e as estratégias envelhecem rapidamente e se tornam ultrapassadas antes mesmo de os sujeitos se apropriarem delas e terem a oportunidade de aprendê-las efetivamente.

A vida líquida é uma vida de consumo. Projeta o mundo e todos os seus fragmentos animados e inanimados como objetos de consumo, ou seja, objetos que perdem a utilidade (e portanto o viço, a atração, o poder de sedução e o valor) enquanto são usados. Molda o julgamento e a avaliação de todos os fragmentos animados e inanimados do mundo segundo o padrão dos objetos de consumo. (BAUMAN, 2007, p. 16)

Quando se pensa em um tênis, por exemplo, ou em um casaco, pensa-se em algo adaptado às “rotinas diárias adaptadas à última moda e à adoção de um vocabulário surpreendentemente novo para expressar publicamente confissões íntimas” (BAUMAN, 2007, p. 16). Atualmente, o tempo se torna peça-chave em conflitos sociais e mudanças sociais. É possível pensar o paradigma da mudança quando se fala do derretimento dos sólidos. Segundo Bauman (2001), os primeiros sólidos a derreter seriam as lealdades tradicionais, os direitos e as obrigações, que atavam pés e mãos, que impossibilitavam os movimentos e as iniciativas. Assim, derretendo esses sólidos, as redes de relações sociais estariam desprotegidas e expostas a outras regras de ações.

O derretimento dos sólidos gera uma progressiva liberdade na economia no que tange às tradições políticas, éticas e culturais, sedimentando uma nova ordem econômica. Com efeito, o derretimento dos sólidos trouxe a dissolução das forças, que poderiam manter a questão da ordem e do sistema na agenda política. Segundo Dowbor:

A visão conservadora do mundo está ruindo, pois a dimensão de valores que de certa forma justifica a injustiça social e o lucro desenfreado – a pátria, a família, a propriedade, o esforço individual, a moral no sentido mais tradicional – está sendo corroída justamente pelo mecanismo – o mercado – que devia viabilizá-lo. (2001, p. 19)

A modernidade fluida produziu uma profunda mudança na condição humana com tendência de desenvolvimento nos conceitos básicos da emancipação, da individualidade, do tempo/espaço, do trabalho e da comunidade. O tempo adquire história pela velocidade do movimento através do espaço, da imaginação e da capacidade humana. O céu passa a ser o limite, e a modernidade, um esforço contínuo, rápido e irrefreável para alcançá-lo. O acesso a meios mais rápidos de mobilidade na modernidade é a principal ferramenta de poder e dominação. Na leitura de Melucci:

A vida social é hoje dividida em múltiplas zonas de experiência, cada qual caracterizada por formas específicas de relacionamento, linguagem e regras.

Complexidade e diferenciação parecem abrir o campo do possível a tal ponto que a capacidade individual para empreender ações não se mostra à altura das potencialidades da situação. Esse excesso de possibilidades, que nossa cultura engendra, amplia o limite do imaginário e incorpora ao horizonte simbólico regiões inteiras de experiência que foram previamente determinadas por fatores biológicos, físicos ou materiais. Nesse sentido, a experiência é cada vez menos uma realidade transmitida e cada vez mais uma realidade construída com representações e relacionamentos: menos algo para se “ter” e mais algo para se “fazer”. (1997, p. 9)

No ambiente do espírito da modernidade, as profundas mudanças em curso significam uma maior expansão e penetração social em cada aspecto da vida individual e um agravamento dos desequilíbrios e das desigualdades juntamente com uma afirmação de novos privilégios e novas formas de poder. Na esteira de Melucci, “a construção de uma sociedade planetária mais igual, assim como de sociedades locais menos dramaticamente dilaceradas pela desigualdade, permanece uma aspiração fundamental para todos aqueles que se interrogam sobre o futuro de nossa espécie e agem pelo bem comum” (2001, p. 11). Dentro desse universo líquido-moderno, as relações e as experiências individuais e coletivas são construídas como representação e relacionamento. É nesse horizonte temporal, que se procura discutir as contribuições do Tecnosocial para uma economia solidária de desenvolvimento local em Canoas, no Rio Grande do Sul.

Contexto, perspectivas e potencialidades

O Tecnosocial Unilasalle, criado pela Resolução de Reitoria nº 144, de 22 de março de 2010, assume como missão gerir políticas e processos de interação entre universidade, empresa e governo, estimulando a produção científica através da organização de um centro tecnológico e social focado na tecnologia da economia solidária. Trata-se da indissociável articulação de práticas sociais com ensino, investigação, extensão e produção de conhecimento, tendo por base o seguinte tripé: a Incubadora de Empreendimentos Solidários, o desenvolvimento de projetos e a pesquisa propriamente dita.

Filiado à Rede de Parques de Inovação e Serviços para as Pessoas, o Tecnosocial Unilasalle, organismo do Centro Universitário La Salle de Canoas, atua na criação e difusão de tecnologias sociais que representem efetivas inovações a fim de contribuir para a transformação social. Dentre as principais áreas de inovação, destacam-se meio ambiente, alimentação, saúde, educação e economia solidária. O Tecnosocial Unilasalle iniciou em maio de 2010 a execução do Projeto Economia Solidária como Estratégia de Desenvolvimento Local em Canoas e Região⁴, que tem como um dos seus objetivos o desenvolvimento de tecnologias sociais. Propõe-se a desenvolver processos de organização socioprodutiva junto

⁴ Trata-se de uma parceria entre Centro Universitário La Salle – Canoas, Fundación La Salle Campus Universitario (FULSCU) – Madrid, Comunidad Autónoma de la Región de Murcia – Espanha – e Prefeitura Municipal de Canoas.

aos setores populares das comunidades do município. O projeto visa, igualmente, a fortalecer formas de empreendedorismo coletivo para a geração de trabalho e renda e, ao mesmo tempo, a estimular redes de sociabilidade e cidadania, impulsionando o desenvolvimento local com sustentabilidade, por meio da construção dos CCPES, os quais atuarão em quatro segmentos de produção, a saber: artesanato/confeção, serviços/cultura, alimentação e reciclagem.

Entre os desafios da sociedade contemporânea, que são apresentados ao projeto, aparecem a relação e a construção de laços sociais. Trata-se de questões sérias para debate e discussão enquanto projeto de trabalho coletivo desenvolvido pelo Tecnosocial. A veia social voltada ao trabalho nas comunidades de Canoas, no Rio Grande do Sul, vem despontando iniciativas de discussão e debate enquanto espaços de estudo, pesquisa e construção de iniciativas práticas voltadas ao meio social em vista da consolidação de empreendimentos coletivos de geração de trabalho e renda no campo do associativismo e do cooperativismo.

A construção dos CCPES procura ser uma referência nas comunidades, onde se inserem, pois nesses espaços os sujeitos buscarão capacitação e qualificação individual e coletiva a fim de desenvolverem competências e habilidades concernentes às temáticas da economia solidária, não só conceitual, mas também prática. As capacitações serão oferecidas de acordo com as necessidades e com as demandas das comunidades, conforme estudo realizado pelo Tecnosocial no ano de 2010⁵. De acordo com Adams (2010), trata-se de encontrar um meio termo entre o que é real e aquilo que pode ser ideal para a prática do momento. Busca-se um projeto comprometido com a elaboração de um futuro ancorado na realidade presente.

Nesse sentido, a educação, enquanto processo formador, na economia solidária, pode ser compreendida como formação humana situada na práxis social, como libertação de uma sociedade alienada no consumo. A educação libertadora se estabelece enquanto “pessoa-como-ser-de-relações”, enquanto sujeito histórico, que produz cultura. Adams escreve que o homem enquanto sujeito histórico “é um ser de relação consigo mesmo, com a natureza, com cada pessoa, com a sociedade e a humanidade enquanto espécie. E, nesse processo, como sujeito histórico, vivencia os conflitos e contradições próprias da sua incompletude” (ADAMS, 2010, p. 26).

A incompletude da formação humana, aliada à sua trajetória de vida e à busca por um espaço alternativo, acontece, porque se vive em uma sociedade, de acordo com Bauman (2001; 2007), que se configura como espaço de derretimento dos sólidos. Martins (2002) entende que na sociedade contemporânea os indivíduos vivem um processo no qual a exclusão social obriga-os criar novas maneiras de interagir no social e reconstruir o tecido corrompido. O próprio sujeito reconstitui rapidamente para se situar novamente na realidade que o exclui. Acalenta Martins que aqueles, que se incomodam com as formas de inclusão encontradas e inventadas pelos excluídos, têm dificuldade de aceitar a criatividade construída

⁵ Para mais informações vide Diagnóstico Participativo (<http://www.unilasalle.edu.br/canoas/assets/upload/diagnosticoparticipativo.pdf>)

como novo trajeto de vida. Tendo em vista o que afirma Martins, cabe aos Centros, como espaços de formação, perceber essas atividades criativas e incluí-las como saberes necessários aos processos educativos nele desenvolvidos.

Boaventura acredita que as transformações da sociedade contemporânea são profundas. Nesse sentido, “é possível caracterizar o nosso tempo como um tempo de problemas modernos [...] para os quais não há soluções modernas” (SANTOS, 2005, p. 14). Bauman (2001) aponta que a modernidade produz uma profunda mudança na condição humana, especialmente em princípios básicos da emancipação do humano. Segundo Bauman, os processos e as relações sociais estáveis estão em acelerada liquidez, passando, então, da fase sólida da modernidade para a fase fluida:

[...] os fluidos são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças. Num ambiente fluido, não há como saber se o que nos espera é uma enchente ou uma seca – é melhor estar preparado para as duas possibilidades. Não se deve esperar que as estruturas, quando (se) disponíveis, durem muito tempo. (2005, p. 57)

Nesse espaço, está inserido o Projeto Economia Solidária como Estratégia de Desenvolvimento local em Canoas e Região. A proposta é intervir em uma situação específica, buscando oferecer espaços de capacitação e qualificação, oferecendo cursos de extensão e oficinas teóricas e práticas para a comunidade local e região, possibilitando que os sujeitos se qualifiquem e alcancem um maior bem-viver social. Se por um lado, Bauman discute as relações humanas e inumanas enquanto espaços de construção e reconstrução instáveis na formação do sujeito, torna-se um desafio complexo a construção de propostas de capacitação e formação em economia solidária para desenvolvimento e qualificação de habilidade dos que foram postos às margens pela avalanche capitalista. A proposta de economia solidária, desenvolvida pelo Tecnosocial no projeto carinhosamente chamado de “Projeto Canoas-Espanha”, devido à sua relação com a Comunidade da Região de Murcia, na Espanha, funda-se enquanto espaço de fortalecimento de relações sólidas (oposto das relações líquidas apontadas por Bauman) voltadas aos trabalhos coletivos, inacabados, em vista de re/construções de novos (outros) projetos de vida. Martins (2002) acrescenta que a sociedade é um processo contínuo de construção e reconstrução no qual indivíduos se formam e se reformam constantemente dentro de um contexto social e cultural.

Os centros, enquanto espaços de formação e transformação, oportunizam, através de intervenções pedagógicas, meios para o autoconhecimento e a autoformação. Torna-se um grande desafio para os CCPES a consolidação de um espaço sólido, concreto, mas em permanente re/construção. A construção de laços sociais estáveis é, cada vez mais, um processo complexo, que exige dos indivíduos o abandono das superficialidades cotidianas e o aprofundamento de relações estáveis e não fragmentadas. Os grupos de economia solidária são exemplos disso, pois seus vínculos têm base na cooperação e nas trajetórias de vida de cada sujeito, o

que permite que as relações se aprofundem, em um contexto de socialização de conhecimentos e saberes cotidianos.

O lugar de aprendizagem, enquanto trajetória de vida e de formação em economia solidária, não depende somente da boa vontade de um educador, mas também do educando e do contexto, onde estão inseridos. Adams escreve que “a formação de um *ethos* com características solidárias ou egoístas depende, ao mesmo tempo, do contexto da relação com os tipos de mediações pedagógicas que potencializam processos de socialização/educação” (2010, p. 29).

Nesse sentido, os centros se propõem a atuar na constante reconstrução dos sujeitos, mantendo uma visão emancipadora e formando redes de conhecimento como tecido constituído para dar suporte aos sujeitos e suas relações sociais (MELUCCI, 1997). A ideia de rede conduz a uma exigência de articulação entre o indivíduo e o grupo. Esse processo propõe-se a contribuir para a construção de uma visão libertadora, subentendendo-se uma concepção libertária de educação. Nesta última, a subjetividade está presente na forma de medos, temores e incertezas. De acordo com Gadotti:

Cada indivíduo para se desenvolver necessita da colaboração do outro. Todo ser humano precisa de alteridade. Uma educação para a cooperação, uma educação para a solidariedade, não é apenas uma opção ética. É uma condição humana necessária para o desenvolvimento pessoal e social. (2009, p. 45)

Os grupos estruturam-se a partir das necessidades individuais de cada um. Entretanto, partindo da condição de sujeitos inacabados, pode-se afirmar que eles buscam o constante aperfeiçoamento de habilidades e competências indispensáveis ao desenvolvimento de suas atividades. Essas necessidades surgem da busca de ser mais com base no encontro entre as pessoas. Como já citado anteriormente, vive-se na incerteza, não havendo tempo de apropriação das estratégias, logo se busca nas individualidades a possibilidade de se sobressair, de alcançar os conceitos e valores estabelecidos pelo sistema no qual estão situados.

Dentro das perspectivas que adotamos, tendo em vista o contexto no qual nos inserimos e as bases conceituais que nos filiamos, a tarefa de refletir sobre as relações entre economia solidária e educação (popular) nos CCPES parte de premissas já esboçadas anteriormente neste texto, como, por exemplo, o inacabamento humano, a fragilidade das relações sociais e a vulnerabilidade em que se encontram nossos interlocutores. Partindo dessas premissas, temos que a tarefa educativa em economia solidária deve levar em consideração que somos sujeitos em formação contínua; por isso, toda sua ação, seja ela qual for, deve partir do princípio de que nunca estamos prontos, completos, mas sim que nos encontramos em um processo de formação, em uma caminhada formativa que solidariamente se constitui na relação entre todos os envolvidos. Capacitar em economia solidária significa não apenas munir os sujeitos de conhecimentos técnicos e teóricos, mas também conscientizá-los de todas as demandas, que um empreendimento solidário traz consigo. Isso é mais do que um modo de produzir e comercializar, é um modo de viver, pois, de acordo com Melucci, “a eficácia sobre as coisas depende,

hoje, cada vez mais da capacidade de agir sobre os códigos simbólicos que regem a vida cotidiana, os sistemas políticos, as formas de produção e de consumo” (MELLUCI, 2001, p. 77). Reordenar as formas de ser-no-mundo configura-se como uma das tarefas mais importantes da economia solidária na atualidade, visto que nos encontramos no limite das relações de mercado e consumo que produzimos ao longo de quase dois séculos (SINGER, 2002, p. 32). A proposta pedagógica que adotaremos nos CCPES é justamente de uma educação popular e solidária com vistas à reordenação de valores culturais e simbólicos mediados pelo diálogo e pela escuta atenta dos nossos educandos.

Referências

- ADAMS, Telmo. *Educação e economia popular solidária*. São Paulo: Idéias e Letras, 2010.
- BAUMAN, Zigmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchio*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2005.
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BAUMAN, Zygmund. *Vida líquida*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- DOWBOR, Ladislau; KILSZTAJN, Samuel. *Economia Social no Brasil*. São Paulo: SENAC, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981.
- GADOTTI, Moacir. *Economia Solidária como Práxis Pedagógica*. São Paulo: Editora e Livraria Paulo Freire, 2009.
- MARTINS, José de Souza. *A sociedade vista do abismo*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MARTINS, José de Souza. *Exclusão Social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.
- MELUCCI, Alberto. *A Invenção do Presente*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v.5 e 6, p. 5-14, mai./dez. 1997.
- SANTOS, Boaventura de [org.]. *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- SINGER, Paul. *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

Recebido em: ABR/2011

Aprovado em: JUL/2011